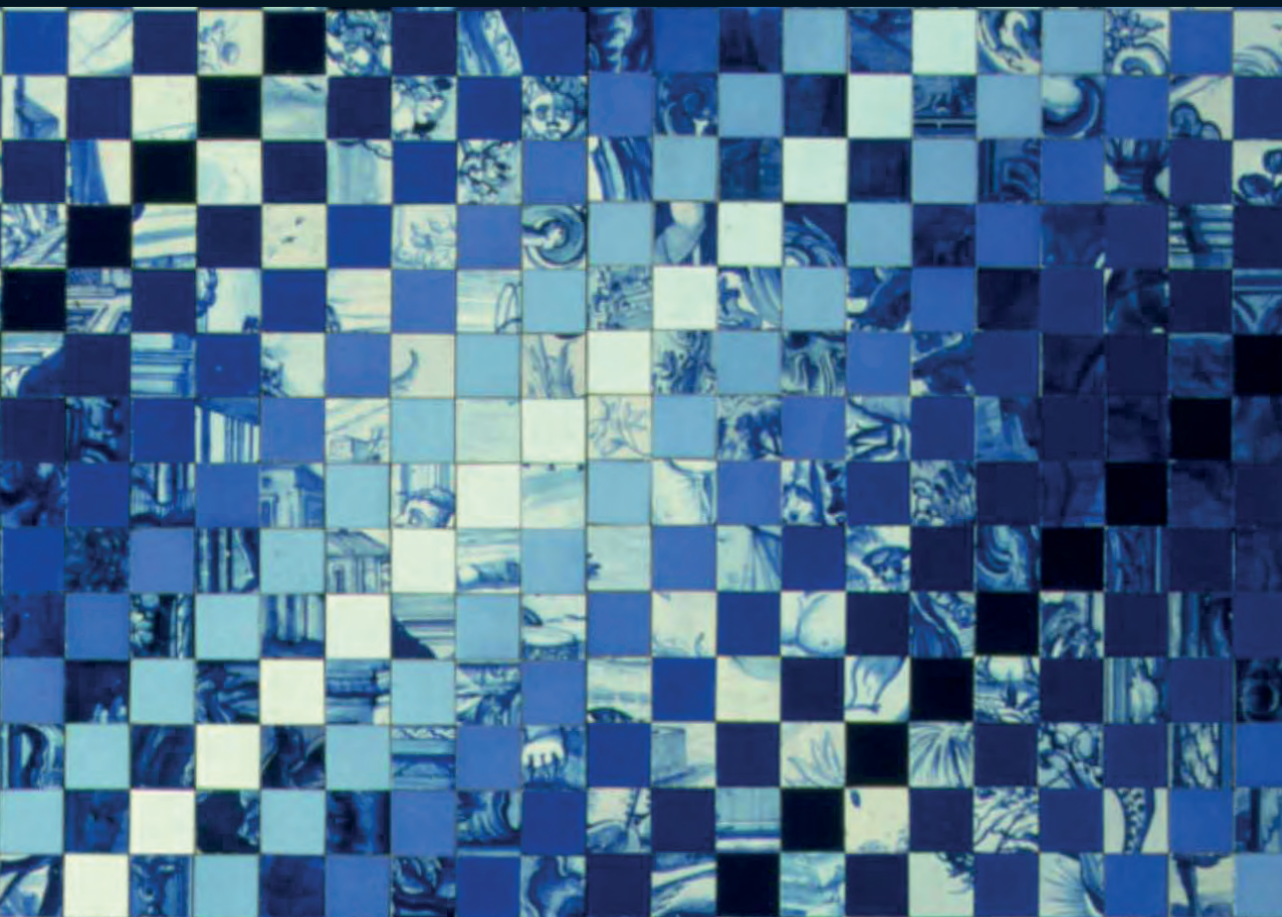


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



LENDAS DE SANTOS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

impresanacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/impresanacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2023 Carlos Reis, Anna Luíza Bauer, Eliane Hosokawa Imayuki e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Lendas de Santos

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Conceção gráfica: INCM

Capa: Série «Cor-luz», 2008,
da autoria de Eduardo Nery
guache sobre papel;
56,5 cm × 74 cm;
coleção do autor

Data de impressão: Setembro de 2023

ISBN: 978-972-27-3011-2

Depósito legal: 503219/22

Edição n.º 1025402

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

- * O Mistério da Estrada de Sintra
- O Crime do Padre Amaro (1.^a versão)
- * O Crime do Padre Amaro (2.^a e 3.^a versões)
- O Primo Basílio
- * O Mandarim
- * A Relíquia
- * Os Maias
- * Contos I

Semipóstumos e póstumos

- * A Correspondência de Fradique Mendes
- * A Ilustre Casa de Ramires
- A Cidade e as Serras
- * Contos II
- * Lendas de Santos
- * A Capital!
- O Conde de Abranhos
- * Alves & C.^a
- A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

- Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
- * Textos de Imprensa I
- * Textos de Imprensa II
- Textos de Imprensa III
- * Textos de Imprensa IV
- * Textos de Imprensa V
- * Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

- * Cartas Públicas
- Cartas Privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

- O Egito e Outros Relatos

VÁRIA

- * Almanques e Outros Dispersos

TRADUÇÕES

- * Philidor
- * As Minas de Salomão

- * Volumes publicados

 $\frac{1}{229}$

nos em 66 q Hans diferenciou...
em "Folhas Solitárias"
STO Cristais - OS Solitários

Mother nasceu em Aghero,
dite cidade do Egipto, sobre a
margem Arabica do Nilo.

Seu pae possuia um an-
tiga lavoura chamada o
Gallo - e continuava alugan-
do-mo-laricos, para a travessia
do Duerte ao Christão d'el-
xandria e do Delta que, rubiam-
o Nilo ate Approdite, em pe-
reginação ao moderno Sa-
thebada, a villa d'Oralique.
povoada de cel censbitas, ou ao

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Ficção, Semipóstumos e Póstumos

Lendas de Santos

Edição de
Anna Luiza Bauer
e Eliane Hosokawa Imayuki

Imprensa Nacional
2023

Nota prefacial

O volume *Lendas de Santos* que agora se publica constitui, na série Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, um contributo importante para colmatar lacunas e para se tentar chegar o mais perto possível da vontade de Eça de Queirós, no que diz respeito às três narrativas que aqui se encontram. Uma vontade inconclusa, acrescento, porque estamos perante textos que o grande escritor não deu à estampa e que foram deixados em estádios de desenvolvimento relativamente incipientes.

O plural a que aqui recorro tem justificação. Os três relatos das chamadas *Lendas de Santos*, provindo embora de um mesmo paradigma — a narrativa hagiográfica —, apresentam problemas próprios, exigindo soluções distintas às duas editoras, Anna Luiza Bauer e Eliane Hosokawa Imayuki. Com efeito, se num caso, o de *S. Cristóvão*, dispomos apenas do testemunho da tradição impressa (com a insegurança que isso implica, tratando-se de textos de publicação póstuma), nos outros dois (*S.^{to} Onofre* e *S. Frei Gil*) os manuscritos utilizados encontram-se incompletos, por vezes com ordenação confusa e dispersos por diferentes proprietários e arquivos. A isto acresce que, depois de iniciado o trabalho de edição, apareceu um manuscrito autógrafo (o de *S. Frei Gil*) cuja existência e localização, até há poucos anos, eram desconhecidas. Isso obrigou a retomar, desde o início, a fixação do texto, o que, com óbvia vantagem, permitiu consolidar o relato numa forma diretamente provida do punho do escritor.

Tudo isto e o mais que importa para a presente edição encontra-se exposto e caracterizado na circunstanciada introdução de Anna Luiza Bauer e Eliane Hosokawa Imayuki. Nela, fala-se não apenas do lugar ocupado por estes relatos no cânone queirosiano, como ainda da configuração e da natureza dos testemunhos a que aqui se recorre e que são, *grossso modo*, dois: o espólio de Eça de Queirós, guardado no Arquivo da Cultura Portuguesa

Contemporânea da Biblioteca Nacional (cf. http://acpc.bnportugal.gov.pt/espacios_autores/e01_queiros_eca.html) e a tradição impressa, configurada, para os efeitos desta edição, nos volumes *Últimas Páginas* (Livreria Chardron, de Lello & Irmão, Editores, 1912; edição de Luís de Magalhães), *Folhas Soltas* (1966, Lello & Irmão, Editores; edição de Maria d'Eça de Queiroz) e *Lendas de Santos* (Livros do Brasil, 1970; fixação de texto por Helena Cidade Moura).

Conforme frequentemente ocorre com trabalhos desta natureza, aquilo que agora se publica não está (nem poderia estar) isento de dúvidas. A seriedade e a competência investidas nesta edição por Anna Luiza Bauer e Eliane Hosokawa Imayuki (ambas autoras de estudos académicos sobre os santos de Eça, com orientação de Elza Miné) são, contudo, argumentos fortes para se avançar decisivamente no sentido de se atingir uma edição tão segura quanto o permitem os materiais disponíveis. Afirmo-o na minha qualidade de coordenador da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, com base na releitura de tudo o que aqui se encontra, releitura em que tive o apoio de Irene Fialho, experiente e profunda conhecedora do espólio queirosiano, a quem penhoradamente agradeço.

Com a publicação de *Lendas de Santos*, esta série editorial atinge o seu 21.º volume. Desenvolvida desde os anos 90 do século passado, a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós tem beneficiado, como neste caso acontece, dos esforços e da dedicação de investigadores identificados com um labor de salvaguarda patrimonial cuja relevância nem sempre é devidamente reconhecida. Deve-se à Imprensa Nacional o acolhimento desta iniciativa, desde o seu início. Por isso, deixo aqui exarado, mais uma vez, o justo agradecimento que é devido ao Dr. Duarte Azinheira, Administrador da INCM, e a toda a equipa da Unidade de Edição e Cultura.

CARLOS REIS

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
-----------------------	----

INTRODUÇÃO	15
------------	----

1. AS LENDAS E OS SANTOS	15
2. AS <i>LENDAS DE SANTOS</i> E A HISTÓRIA DOS SEUS TEXTOS	22
3. AS LENDAS E O SEU TEMPO	25
4. DOCUMENTOS PRÉ-REDACIONAIS E MANUSCRITOS AUTÓGRAFOS	30
5. A EDIÇÃO CRÍTICA DAS <i>LENDAS DE SANTOS</i>	37
6. CRITÉRIOS DESTA EDIÇÃO	39

TEXTO CRÍTICO	43
---------------	----

S. CRISTÓVÃO	45
[CAPÍTULO] I	47
[CAPÍTULO] II	55
[CAPÍTULO] III	65
[CAPÍTULO] IV	75
[CAPÍTULO] V	85
[CAPÍTULO] VI	89
[CAPÍTULO] VII	91
[CAPÍTULO] VIII	99
[CAPÍTULO] IX	107
[CAPÍTULO] X	115
[CAPÍTULO] XI	123
[CAPÍTULO] XII	135
[CAPÍTULO] XIII	151
[CAPÍTULO] XIV	165
[CAPÍTULO] XV	175

[CAPÍTULO] XVI	189
[CAPÍTULO] XVII	197
[CAPÍTULO] XVIII	201
S. ^{to} ONOFRE	211
[CAPÍTULO] I	213
[CAPÍTULO] II	227
[CAPÍTULO] III	235
S. FREI GIL	329
APÊNDICES	419
S. CRISTÓVÃO	421
S. ^{to} ONOFRE	431
S. FREI GIL	451
<i>Notas biobibliográficas</i>	459

INTRODUÇÃO

1. AS LENDAS E OS SANTOS

Quando nos propusemos a preparar uma edição crítica das *Lendas de Santos* — *S. Cristóvão, S.^{to} Onofre e S. Frei Gil* — de Eça de Queirós, a nossa primeira curiosidade foi em relação ao título desta obra: porquê lendas e porquê estes santos?

Essa curiosidade foi, em parte, saciada com a descoberta de que o autor não havia atribuído título às narrativas que deixara inéditas e vieram a público somente 12 anos após a sua morte. O seu primeiro editor, Luís de Magalhães, foi o responsável pelo que conhecemos até hoje como *Lendas de Santos*. Mas, porque Magalhães caracterizara aquelas narrativas como lendas?

A lenda, historicamente, tem origem incerta e nebulosa. Há indícios de que uma lenda surja a partir de acontecimentos reais, de histórias verdadeiras que viajam pelo tempo e pelo espaço, passando por gerações e povos distintos. Nesse percurso, novos factos e interpretações variadas incorporam-se ao episódio que se vai deformando sob os diferentes pontos de vista.

Lenda é «legenda, narrativa de carácter maravilhoso em que um facto histórico, centralizado em torno de algum herói, se amplia e se transforma sob o efeito da evocação poética ou da imaginação popular; narrativa ou credence acerca de seres maravilhosos e encantatórios, de origem humana ou

não, existente no imaginário popular, explicando fenómenos da natureza»¹.

Lendas sobre mutações de pessoas em animais existem desde a Antiguidade. O historiador Heródoto, os romanos Plínio, Plauto e Ovídio já faziam referência ao «lobo-homem». Outros temas, como o Santo Graal, o amor de Tristão e Isolda também foram explorados como lendas. Tristão e Isolda inspiraram obras literárias e musicais e remetem à imagem fantástica de duas árvores nascidas sobre as tumbas desses dois amantes. Os seus galhos, entrelaçados, jamais puderam ser separados. Acreditamos que «a legenda existe como resto ou cinza da certeza antiga que, decaída, diverte a imaginação, isto é, se torna diversão ou fantasia. É próprio da fantasia esconder o que é incerto sob a capa do que foi outrora certo, num tempo que nunca houve e em que, portanto, tudo era possível.»²

As três narrativas de Eça de Queirós que têm como personagens os santos não fogem à interpretação ficcional, evocando até mesmo aspetos legendários. Provavelmente foram essas as razões que levaram Luís de Magalhães a adotar o título *Lendas de Santos* para as narrativas envolvendo S. Cristóvão, S.^{to} Onofre e S. Frei Gil.

Quanto à nossa outra pergunta: porque Eça escolhera estes três santos? Seriam eles santos apócrifos e por esta razão o autor se sentiu livre para «adotá-los» como personagens? Ou ainda, as suas histórias, vividas na Idade Média e repletas de elementos estimulantes, incitaram a sua imaginação?

Jaime Cortesão diz que «a cultura francesa favorecia Eça de Queirós quanto ao conhecimento da Idade Média na França. As obras de Viollet-le-Duc deram-lhe o quadro exterior e muitos aspectos da vida íntima medieval. [...] Para o estudo das *jacqueries*, possuía a obra de outro grande medievalista, Achille Luchaire,

¹ *Dicionário Eletrónico Houaiss*, Instituto Antônio Houaiss, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001.

² António Braz de Oliveira, «São Cristóvão, sonho e fantasia da Geração de Setenta: notas para uma releitura da hagiofantasia queirosiana», in Elza Miné e Benilde J. Caniato (eds.), *150 Anos com Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses-USP, 1995, pp. 83-112.

TEXTO CRÍTICO

S. CRISTÓVÃO

Um dia, numa floresta, ao entardecer, quando por sob as frondes ressoavam as buzinas dos porqueiros, e lentamente na copa alta dos carvalhos se calavam as gralhas, um lenhador, um servo,
5 de surrão de estamenha, que rijamente trabalhara no souto desde o cantar da calhandra, prendeu a machada ao cinto de couro, e, com a sua égua carregada de lenha, recolheu, pelos caminhos da aldeia, ao castelo do seu Senhor.

Diante de cada cruz pregada nos troncos da mata, tirava o seu barrete de pele de coelho, rezava uma Ave-Maria. Ao passar
10 na lagoa, mais reluzente, sob a amarelidão da tarde entre os seus altos canaviais, que uma moeda de ouro nova, deixou um molho de carqueja e de achas para o ermita, que ali erguera a sua choça de rama. E adiante, num pinheiral, apesar de já luzir no alto a
15 estrelinha da tarde, e o bom trabalhador ter fome, parou até encher o saco duma velhinha que, tremendo, e arrimada a um bordão, apanhava agulhas e pinhas. A velha murmurou: «Deus te dê alegria em tua casa!»

Longamente ainda, ora por caminhos claros que soavam como
20 lajes, ora sob a ramaria alta, por veredas fofas de musgo, tilintavam no silêncio e na penumbra os guizos da égua. E a noite cerrava-se,

8: Senhor] senhor [1970]

10: Ave-Maria.] ave-maria [1970]

13: ermita,] eremita [1970]

16: duma] de uma [1970]

17: murmurou:] murmurou: — [1970]

quando para além duma ponte de tabuado que tremia sobre uma
torrente, seca por aquele lento agosto, o povoado apareceu entre o
arvoredo do vale, com a capela branca e toda nova que o Senhor
25 do Castelo andava erguendo a S. Cosme.

O lenhador, com a sua égua, meteu por uma longa alameda
de faias, atrás dum carro que chiava lentamente, carregado de
mato. A estacada, que outrora cercava a aldeia, apodrecera sob
os sóis, sob as chuvas, ao abandono, durante os longos e fartos
30 anos de paz: e as cabanas repousavam entre os pomares, em
segurança e fartura. Dos tetos, bem cobertos de colmo, seguros
por lascas de lousa, subia o fumo lento e cheiroso das pinhas e
das agulhas ardendo com abundância nas lareiras. Em todas as
cortes grunhiam porcos. Pelas quelhas mais escuras, as raparigas
35 passavam para os serões, sem temor, com a sua roca à cintura.
Por trás dos muros de adobe, morria o murmúrio dormiente dos
Terços e das Coroas rezadas em coro, nas contas. Raramente um
rafeiro latia por trás da cancela ou das sebes. No adro, o forno
senhorial ainda ardia, tanta era a fartura do pão a cozer. E junto
40 da fonte toldada pelas ramagens dum ulmeiro, no banco de
pedra onde aos domingos os velhos vinham julgar os pleitos de
gado ou de águas, os dous Archeiros do Castelo, que todas
as noites rondavam a aldeia, dormiam sem cuidados como frades,
com os seus arcos caídos no chão.

Lentamente, ao rumor lento dos guizos, o bom lenhador
e a sua égua passaram, ao fim do povoado, a alta taberna do
Galo Preto, que estendia através da estrada a sua comprida vara
enfeitada de louro. Dous romeiros, com vieiras na murça de burel,
bebiam à porta por grossos pichéis de estanho. Dentro um pobre
50 menestrel, de longa guedelha caída sobre o gibão em farrapos,
tangia a sua viola de três cordas: e um frade mendicante com a

22: duma] de uma [1970]

24-5: Senhor do Castelo] senhor do castelo [1970]

27: dum] de um [1970]

37: Terços e das Coroas] terços e das coroas [1970]

40: dum] de um [1970]

42: dous [*Grafia adotada em 1970*: dois]

42: Archeiros do Castelo] archeiros do castelo [1970]

47: *Galo Preto*,] Galo Preto, [1970]

sacola sobre os joelhos, um caldeireiro com os tachos de latão e a ferramenta pousada ao lado no chão de terra negra, jogavam os dados sobre um banco, na penumbra das grossas pipas, que
 55 tinham todas uma cruz branca para que os maus Espíritos não azedassem o vinho.

O bom lenhador apressava a sua égua: e bem depressa, do alto dum cerro coberto de azinheiras, avistou em baixo o rio, o largo rio escuro que corria, mudamente, sob os quatro arcos
 60 duma velha ponte romana, que tinha ao meio uma capelinha nova, onde palidamente, na névoa húmida, bruxuleava uma lâmpada. Para além, na outra margem, era uma longa colina suave, onde se erguia, acompanhado de arvoredos e cercado de muralhas como uma cidadela, um mosteiro rico de Domínicos.

Mas, descendo o cerro, o caminho estreito, por onde, sob a estrelada mudez da noite, iam tilintando os guizos da égua, corria fundo e negro entre altos barrancos. E como aí, por vezes, de noite, aparecia um estranho pastor, de cabelos cor de fogo, e seguido por dous lobos familiares, o bom lenhador murmurou,
 70 voltado para o santo lugar onde nasce a estrelinha d'Alva, o nome do anjo Gabriel.

Depois, sem temor, atravessou o pinheiral. Já então trilhava as terras do solar do seu Senhor. Vastos pastios de gado, campos onde se fizera a ceifa, desciam até ao rio, que um choupal bordava, escuro e cheio de rouxinóis. E sobre um forte outeiro, logo
 75 o Castelo apareceu, negro, formidável, com altas muralhas, os grandes cata-ventos em forma de dragões e de aves heráldicas no cimo de cada torre, e, na mais alta, a chama clara do seu alto farol.

Uma calçada de grossas lajes, orlada de faias, conduzia ao
 80 terreiro, para onde abriam, sob a torre de menagem, a estreita porta chapeada de ferro e a ponte levadiça, que sempre descida,

55: branca] branca, [1970]

55: Espíritos] espíritos [1970]

58: dum] de um [1970]

60: duma] de uma [1970]

65: Mas,] Mas [1970]

73: Senhor.] senhor. [1970]

76: Castelo] castelo [1970]

80: abriam [*em 1912 e 1970: abria*]

O volume *Lendas de Santos* que agora se publica constitui, na série Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, um contributo importante para colmatar lacunas e para se tentar chegar o mais perto possível da vontade de Eça de Queirós, no que diz respeito às três narrativas que aqui se encontram. Uma vontade inconclusa, acrescento, porque estamos perante textos que o grande escritor não deu à estampa e que foram deixados em estádios de desenvolvimento relativamente incipientes.

Conforme frequentemente ocorre com trabalhos desta natureza, aquilo que agora se publica não está (nem poderia estar) isento de dúvidas. A seriedade e a competência investidas nesta edição por Anna Luiza Bauer e Eliane Hosokawa Imayuki (ambas autoras de estudos académicos sobre os santos de Eça, com orientação de Elza Miné) são, contudo, argumentos fortes para se avançar decisivamente, no sentido de se atingir uma edição tão segura quanto o permitem os materiais disponíveis.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

